

VILÉM FLUSSER Dos centros da decisão na década dos 70.

Sem dúvida: o homem é determinado pelo tempo e pelo espaço, e mais pelo tempo que pelo espaço. Por exemplo: somos obrigados, todos, a mergulhar na década dos 70, quer dela gostemos quer não, e quer assumamos diante dela atitude apocalíptica quer advenstista. Mas, dentro de determinados limites, podemos escolher o lugar no qual pretendemos presenciar o apocalipse ou o advento. A nossa liberdade de movimento é maior no espaço que no tempo, mesmo se considerarmos a futuração e a saudade viagens dentro do tempo. É esta a razão porque, a despeito de toda sincronia, se fale mais em "espírito do tempo" de que em "espírito do lugar", um fato não suficientemente apreciado pelos estruturalistas franceses.

Bem entendido: o termo "lugar" não tem necessariamente apenas significado geográfico, e o lugar no qual pretendemos sobreviver, ou contemplar, ou ajudar a fazer, os acontecimentos dos anos 70 não é necessariamente um ponto num mapa. É possível recorrer, na escolha do lugar, para modelos do espaço distintos do atlas, embora tais modelos não sejam tão facilmente adquiríveis. Em compensação pode uma escolha baseada sobre tais modelos ser mais relevante que uma escolha feita por agências de turismo. Um modelo assim mais relevante seria por exemplo um que possibilitaria a localização dos centros das decisões sobre os acontecimentos dos anos 70. Em base de tal modelo seria possível escolher-se os acontecimentos decisivos dos quais se quer participar imediatamente, e os dos quais se pretende manter uma distância prudente. É verdade que tal tipo de modelo depende ainda mais do ponto de vista do projetor que mapas geograficos, e que as distorções em sua periferia são ainda maiores que nas projeções de Mercator. Mas fazendo de conta que essas distorções são retificáveis pela objetividade das ciências sociais: como seria um tal modelo que permitisse a localização dos centros da decisão no curso da década 70?

Seria um modelo estratificado em planos, mas de forma que haveria cruzamento de planos nos pontos decisivos. Por exemplo: haveria um plano do sexo e outro do direito, e no seu ponto de interseção estaria localizada a superação do casamento e sua substituição por um novo tipo de clã ou de horda. E, por exemplo, haveria um plano da farmacologia e outro da religião, e no seu ponto de interseção estaria localizada a superação das igrejas e sua substituição por místicas LSD e semelhantes. Obviamente, o modelo seria muito complexo, e deveria incluir a geografia. Assim o ponto da superação do casamento estaria localizado na Califórnia ou na Suécia, e o ponto da superação das igrejas em Cambridge, Ingl., ou Cambridge, Mass. E seria um modelo sincrónico, já que a própria década seria um entre os seus planos. Assim a superação do casamento estaria localizada, por exemplo, no ano 1978.

Admitindo portanto que tal modelo existe e que é objetivo: quais os critérios para a escolha de lugar, (ou lugares), apropriado? A pergunta não é tão ociosa quanto parece. Pois ~~na~~ realidade todos temos um modelo do tipo descrito no bolso e na consciência, embora falho e duvidoso, e que nos serve

VILÉM FLUSSER

de guia na década que se inicia. E embora não seja muito ampla a nossa liberdade de movimentação entre os lugares, podemos escolher, e devemos fazê-lo, a menos que queiramos abrir mão da liberdade, (o que também seria uma entre as escolhas). A passagem da década é uma oportunidade de dar-se conta dos critérios e de considerá-los.

Primeira premissa: esta vida é a nossa única oportunidade, e a década que se inicia é parte considerável dessa única oportunidade. Segunda premissa: uma medida da intensidade da vida é a quantidade de modificações pelas quais passamos, outra é a quantidade de modificações que operamos no mundo. Terceira premissa: quanto mais próximos estivermos dos centros das decisões, tanto maior a probabilidade que estas nos modificarão e que nelas influiremos. Daí se segue, como critério de escolha do nosso lugar, o seguinte: um lugar que esteja na maior proximidade possível do maior número possível de centros decisivos.

No entanto: as decisões que caracterizarão a década que se inicia serão daquele tipo que não altera apenas o antigo, mas que elimina o antigo. Não pode haver dúvida quanto a isto, e é exatamente isto que se tem em mente quando se diz: "década de crise". Por exemplo: a motivação econômica e política, (lucro e poder), será substituída por outra, (por exemplo: motivo lúdico), ou então os homens passarão a viver sem motivo, (vida absurda). Segundo exemplo: as ideologias atuais, (nacionalismo, socialismo etc.), serão substituídas por outras, (hedonismo, quietismo, pansexualismo), ou não haverá mais ideologias. Terceiro exemplo: o interesse pelo saber e pelo poder fazer desaparecerá, (já que ciência e arte, incluindo a técnica, podem ser relegadas para aparelhos automáticos e autônômicos do homem), e será substituído por outro interesse, por ora inimaginável mas certamente ligado ao consumo. (Um sintoma disto é o ensino cibernético, outro as decadências das universidades nos países desenvolvidos). Quarto e último exemplo: um número apreciável das decisões será tomado em contextos estranhos à cultura ocidental, e terá portanto estrutura que nos será incompreensível, embora venha a determinar-nos. Estes exemplos pretendem mostrar que a nossa participação imediata de tais decisões não nos modificará, mas destruirá, e que não poderemos participar ativamente delas, já que elas não nos admitem. Somos antigos demais e ocidentais demais para tanto.

Portanto quarta premissa: quanto maior a distância de um acontecimento, tanto maior a probabilidade de sua compreensão englobante e apreciação inteligente. Quinta premissa: Quanto maior essa distância, tanto maior a possibilidade de ação radical, já que menos comprometida. Sexta premissa: uma vida contemplativa pode, ela também, ser intensa. Daí se segue, como critério de escolha do nosso lugar, o seguinte: um lugar que tenha distância máxima dos centros da decisão na década dos 70.

Dois critérios opostos para a escolha da nossa posição perante os acontecimentos decisivos da década dos 70 foram elaborados. Devemos investigar o

VILÉM FLUSSER

nosso íntimo para descobrir quais dos dois nos convêm, e quais dos dois nos poderá servir para a nossa tomada de decisão decisiva. Antes de passar a considerar o problema, é preciso dizer que não se trata, como pode parecer, de decisão entre alienação e engajamento. Estes dois conceitos não se aplicam bem à nossa situação e são gastos. Um engajamento nos acontecimentos decisivos da presente década seria certamente auto-alienação, e uma reafirmação de si mesmo seria atualmente sem dúvida alienação do mundo. A consciência infeliz é hoje mais infeliz que nunca: ou perderemos a nós mesmos, ou perderemos o mundo. Em outras palavras devemos decidir, perante a crise da presente década, se queremos salvar-nos ou se queremos salvar o mundo. Não podemos querer as duas coisas.

Mas o problema da decisão não é tão simples. E isto por duas razões distintas. Não somos inteiramente livres de escolher nossos lugares, porque estamos enraizados nos lugares nos quais nos encontramos. E não somos inteiramente livres de escolhê-los, porque algo dentro de nós, (o nosso "EU"), nos determina. O nosso enraizamento nos prende com mil laços sentimentais, morais e intelectuais, (e económicos e sociais), ao nosso lugar atual, o qual se torna portanto lugar preferencial de escolha. No nosso caso esse lugar, (São Paulo), é um lugar relativamente distante dos centros de decisão na década que se inicia. E o nosso condicionamento íntimo nos propõe a assumir o nosso lugar não em função da década dos 70, mas em função da nossa vocação, da nossa competência, da nossa autenticidade. Estas duas aparentes limitações severas da nossa liberdade de escolha dão, no entanto, sentido à escolha que tomaremos. Tornarão a escolha existencialmente significativa.

Dentro dessas limitações a escolha é portanto esta: assumir-se em situação relativamente periférica, (dada a nossa localização e vocação), ou procurar romper a limitação e penetrar os centros decisivos. Em outras palavras: assumir a ação radical, por relativamente descomprometida, ou a ironia filosófica da distância, ou então procurar integrar-se no fluxo das decisões que marcarão os anos 70. Um tal "oito ou oitenta" pode parecer iguaria. Muitos poderão negá-lo e escolher o seguinte: participar de algumas decisões fundamentais e contemplar o resto. Tal decisão seria razoável. Mas a passagem de década marca época, hiato. Exige que pensemos epocalmente, isto é: que introduzamos uma pausa na correnteza do nosso pensamento razoável, e que pensemos, por esta vez, radicalmente. A reação do tudo ou nada, em sua radicalidade, corresponde ao ponto de passagem no qual nos encontramos. Porque é possível decidir-se apenas radicalmente. Toda outra decisão é compromisso. E o compromisso resultará, nos anos 70, apenas nisto: perderemos tanto a nós mesmos quanto ao mundo.